



ALTERIDADE E NATUREZA HUMANA: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO COMPLEXO

Alterity and human nature: reflections based on complex thinking

Emerson Silva*

Grupo Ser Educacional

DOI: 10.29327/2763381.16.2-2

RESUMO:

O presente ensaio visa apresentar um breve arrazoado teórico em torno dos conceitos de “natureza/condição humana” e “alteridade”. Em termos metodológicos, tratar-se-á as abordagens aqui realizadas a partir das contribuições oriundas do Pensamento Complexo, sobretudo pela sua capacidade de refletir por “tensão”, caminho indispensável para o tratamento do assunto. Após uma breve apresentação teórica sobre o paradigma da complexidade, se fará um exercício exemplificador a partir dos conceitos apresentados. Longe da tentativa de se obter uma teoria geral sobre a natureza humana, o texto em tela visa esclarecer tensões envolvendo o debate e propor direções teóricas significativas para se discutir o assunto.

Palavras-chave: Complexidade; Natureza; Alteridade

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor Tutor nos cursos de Teologia e Serviço Social no Grupo Ser Educacional. Professor convidado do departamento de Teologia do Centro Universitário Maciço de Baturité (UNIMB). E-mail: contatos.emersonsilva@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente ensaio visa refletir, ainda que de forma sumarizada, sobre o controverso tema da “natureza/condição humana”. Toda e qualquer reflexão dentro desta temática serão sempre reflexões incompletas, dada a clara irreducibilidade teórica do objeto proposto. Logo, para que qualquer saber se prove relevante ao refletir sobre o assunto, se faz necessário uma efetiva abertura para as “tensões teóricas” que claramente dele decorrem. Em virtude disso, preza-se aqui por um arcabouço metodológico transdisciplinar, com intuito de “equilibrar a balança da razão” (Dascal, 1994) em torno das compreensões mais claras e razoáveis sobre o tema.

A expressão “equilíbrio da balança da razão” é utilizada pelo epistemólogo israelense-brasileiro Marcel Dascal, para demonstrar a despretensão da sua epistemologia em torno de uma única teoria sobre o que quer que seja. Ciente dos infundáveis debates no campo científico sobre os mais variados temas, ele também não se sente seduzido pelo relativismo, afirmando a existência do “peso” de argumentos verdadeiros: “argumentos que crêem aumentar o peso de suas posições frente as objeções dos adversários, tendendo assim, se não a decidir a questão, pelo menos a inclinar a ‘**balança da razão**’ ao seu favor” (Dascal, 1994, p.79 – **grifo meu**).

Para tanto, as abordagens decorrentes da Teoria do Pensamento Complexo, sobretudo as apontadas pelo antropólogo e filósofo francês Edgar Morin¹, subsidiarão as proposições aqui sugeridas. Pensar os paradigmas envolvidos no conceito de natureza/condição humana exige adesões teóricas modestas, continuamente abertas a verificação e inevitavelmente conflitantes, necessitadas da “balança da razoabilidade”.

Irá se refletir aqui a concomitância teórica entre os conceitos de “natureza humana” e a experiência da “alteridade”, conforme apontada pelo filósofo britânico Roger Scruton². Para este autor, a afirmação conceitual sobre a pessoa humana não é arbitrária, ausente de observação empírica e nem impossível de ser elaborada pelas humanidades. Ainda que a discussão seja pleiteada a partir de vários critérios e pressupostos teórico-metodológicos,

¹ Edgar Morin (1921 -), pseudônimo de Edgar Nahoum, é um dos mais importantes pensadores contemporâneos envolvidos com a temática da interdisciplinaridade e do que fora denominado de Pensamento Complexo.

² Roger Vernon Scruton (1944 – 2020) fora um filósofo e escritor inglês com um extenso trabalho no âmbito da filosofia estética. Herdeiro do denominado “Iluminismo Britânico”, tornou-se o teórico desta tradição mais influente após Edmund Burke.

Scruton elenca um paradigma filosófico a partir da posição “Eu-Você”³, afirmando a relação humano-recíproca como única à nossa espécie, inexistindo no mundo dos animais não-humanos e no mundo dos objetos. Objetiva-se com o presente ensaio acentuar a importância da tensão teórica sobre o tema escolhido, abordando a partir dela, a experiência da alteridade como uma questão fundamental no debate.

Refletindo por “tensão”: as novas trilhas do pensamento complexo e a sua importância para o tema qualquer ciência que tome como objeto a experiência humana deve ser permeada pelo entrecruzamento dos mais diferentes tipos de saberes. Nas últimas décadas, as discussões envolvendo a transdisciplinaridade no discurso científico afluíram de forma significativa, despertando o interesse de uma vasta gama de teóricos comprometidos com o desafio de se “tecer junto”⁴ teorias científicas dos mais variados horizontes epistêmicos.

O já referido *Pensamento Complexo* trata-se de uma abordagem teórico-metodológica de cunho epistemológico que toma como o seu objeto de estudo o *paradigma da complexidade*⁵ nas ciências. Tal perspectiva, de cunho transdisciplinar, parte de uma constatação a muito já discutida na história do pensamento humano, mas que fora quase que esquecida por ocasião do endosso moderno em torno das precisões objetivistas e do separatismo dos saberes: a ideia da problematicidade cognitiva que envolve a tomada de consciência da realidade.

A complexidade inerente a formação teórica dos mais variados tipos de conhecimento, em razão da “inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, [...] e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários” (Morin, 2003, p. 13), constitui-se hoje como um considerável obstáculo ao esclarecimento (*Aufklärung*) prometido pelas ciências modernas, conforme seus moldes iluministas da racionalidade humana.

³ Scruton ressoa a clássica antropologia filosófica de Martin Buber, conforme desenvolvida no seu clássico *Eu e Tu* (2006). Para este autor, é no encontro com o outro (e não na nossa relação com o mundo das “coisas” – *Eu-Iso*) que a existência humana encontra sua razão e fundamento.

⁴ “Tecer junto” é o significado literal da palavra “complexidade”.

⁵ A teoria da complexidade também pode ser abordada através dos seguintes termos: “estudo de sistemas dinâmicos”, “estudos de não linearidades”, “teoria de sistemas adaptativos complexos”, “pensamento complexo” e “ciências da complexidade” (Neto, 2007).

Tal constatação, tomada por alguns teóricos como uma resposta ou saída para o relativismo, é levada em consideração pelo pensamento complexo de uma forma diferente: enquanto um diagnóstico necessário ao desenvolvimento epistêmico de qualquer saber filosófico ou científico. Nas palavras de Edgar Morin, um dos principais proponentes desta abordagem: “Antes de mais nada devo dizer que a complexidade, para mim, é o desafio, não a resposta. Estou em busca de uma possibilidade de pensar através da complicação (ou seja, as infinitas inter-retroações), através das incertezas e através das contradições” (MORIN, 2005, p.102).

A ideia de que há uma complexidade intrínseca na constituição da realidade, exigindo a sua devida consideração no desenvolvimento de qualquer ciência, ganha força atual no debate em torno do fracasso das compreensões reducionista da natureza por parte da física matematizada. Para Morin:

Ora, a complexidade chegou a nós, nas ciências, pelo mesmo caminho que a tinha expulsado. O próprio desenvolvimento da ciência física, que se consagrava a revelar a Ordem impecável do mundo, seu determinismo absoluto e perpétuo, sua obediência a uma Lei única e sua constituição de uma forma original simples (o átomo) desembocou finalmente na complexidade do real. Descobriu-se no universo físico um princípio hemorrágico de degradação e de desordem (segundo princípio da termodinâmica); depois, no que se supunha ser o lugar da simplicidade física e lógica, descobriu-se a extrema complexidade microfísica; a partícula não é um primeiro tijolo, mas uma fronteira sobre uma complexidade talvez inconcebível; o cosmos não é uma máquina perfeita, mas um processo em vias de desintegração e de organização ao mesmo tempo (Morin, 2005, p.13).

O autor enxerga a descontinuidade da tríade moderna das ciências (continuidade, causalidade local e determinismo) em vários saberes que apontam a referida ruptura: teoria cibernética, física quântica, teoria dos sistemas biológicos dispersadores de energia, entre outros. Em todos eles há a constatação de que nos seus sistemas de funcionamento mais elementares os componentes fundamentais que os engendram, interagem de uma forma que os resultados esperados são imprevisíveis e não lineares

A teoria da complexidade, a partir desta inconstância, visa fomentar a possibilidade de uma elaboração teórica em torno da ordem e desordem destes resultados, união e separação de agentes, autonomia e independência das relações observadas, e convergências e divergências de resultados. Dito de outro modo, ela possibilita o engendramento de uma forma de administração de controvérsias (Dascal, 1994), um horizonte epistêmico para se “tecer junto” (*complexus*) reflexões que subsidiarão teorias científicas.

a **complexidade** não é uma receita para conhecer o inesperado. Mas ela nos torna prudentes, atentos, não nos deixa dormir na aparente mecânica e na aparente trivialidade dos determinismos. Ela nos mostra que não devemos nos fechar no “contemporaneísmo”, isto é, na crença de que o que acontece hoje vai continuar indefinidamente. Por mais que saibamos que tudo o que aconteceu de importante na história mundial ou em nossa vida era totalmente inesperado, continuamos a agir como se nada de inesperado devesse acontecer daqui pra frente. Sacudir esta preguiça mental é uma lição que nos oferece o pensamento complexo (Morin, 2005, p.83 – **grifo meu**).

A seguir se fará um exercício sobre o pensamento complexo a partir das convergências conceituais sugeridas: “natureza/condição humana” e “alteridade”. O paradigma da complexidade nos leva a pertinência de uma reflexão, cuja tensão teórica e a polivalência de saberes precisam ser mantidas, sobretudo, quando a constituição do objeto em análise tão claramente assim exigir. É a reflexão por “tensão” uma das melhores formas de se apresentar “trilhas” teóricas que, longe de responder de forma unívoca a questão envolvendo o sentido da natureza humana, traz algum tipo de elucidação ao tema, a partir de uma abordagem que enfrente o desafio inquirido: “a busca de uma possibilidade de pensar através da complicação (ou seja, as infinitas inter-retroações), através das incertezas e através das contradições” (Morin, 2005, p. 102).

NATUREZA HUMANA E ALTERIDADE

Por “natureza”, pode se definir um conjunto de realidades suprassensíveis e externas ao pensamento humano, sobre as quais, o mundo sensível e os fenômenos biofísicos se passam. Dotado de regularidades e irregularidades, essa realidade suprassensível constitui-se também, de alguma forma, como “causa” destes fenômenos.

O termo ganha um status teórico mais preciso na compreensão grega da *physis*, interessada naquilo que pode ser compreendido efetivamente como “real” e, conseqüentemente o contrário de “aparente”. Nas tentativas modernas de *Isaac Newton*, o termo passou a indicar de uma forma mais rigorosa a busca de uma unidade causal para determinados fenômenos físicos aparentemente desconexos.

Ao agregar a este conceito a expressão “humana”, compreende-se a mesma definição apresentada, atuando agora sobre o comportamento e condição de “ser humano”. Ao ser discutido nas humanidades, o termo torna-se consideravelmente mais problemático em virtude de toda complexidade que envolve o “dever ser humano”. Permeado pelos mais

diversos critérios e pressupostos, relacionados, inclusive, com as diferentes formas de convivência com outros seres humanos, as controvérsias teóricas surgem justamente a partir desta diversidade de abordagens.

Neste âmbito, é que se postula a pertinência do Pensamento Complexo. Pensar a “natureza” dentro do fenômeno humano, implica em uma interrelação de saberes naturalmente dado a “controvérsias”, sendo estas, muitas vezes compreendidas como um empecilho no tratamento do tema. Como acomodar em termos de “natureza humana” uma infinidade de compreensões antropológicas, históricas, teológicas, não poucas vezes distintas, que se colocam no pleito da questão?

Aponto duas estruturas humanas fundamentais, sob as quais algumas destas principais controvérsias teóricas podem ser pensadas: as estruturas de *condicionamento e liberdade*. A ideia de que estamos limitados a uma série de condicionamentos orgânicos, ao mesmo tempo em que, somos a única espécie capaz de vivenciar, sob os mais abrangentes aspectos, o sentido mais amplo da palavra “liberdade”, constitui-se como o eixo temático principal para o debate a ser desenvolvido.

Sob a configuração destes condicionamentos estão as dimensões da experiência humana interpretadas por uma ótica *fisiológica*, semelhante aos outros seres vivos do mundo natural; e as que podem ser interpretadas a partir da ótica da *subjetividade*, entendida pelo desenvolvimento humano de valores relacionados com a espiritualidade, consciência, subjetividade e moralidade no transcurso da história. O humano, enquanto ser-no-mundo livre, se dispõe às circunstâncias naturais e não-naturais que o condiciona, extraindo desta tensão, uma estrutura fundamental responsável por “sustentar” a sua humanidade, dado o fato de ser a única espécie capaz de fazer isso.

É a compreensão desta complexa “estrutura”, capaz de coadunar nossos condicionamentos orgânicos e subjetivos, que irá fundamentalmente subsidiar as discussões relacionadas à natureza humana. Este é o quadro fundamental⁶ a ser “preenchido”. Um claro

⁶ Tal quadro fundamental se coloca entre os que acreditam que o conceito exige uma estrutura rígida como dado fundamental, sobretudo em virtude da semântica que envolve a palavra “natureza” e entre os que advogam pela total desnuclearidade de qualquer essência humana, dado o nosso constante devir histórico. Como um exercício simplificador do pensamento complexo, sugiro que estas duas perspectivas devem se relacionar em torno das suas possibilidades e impossibilidades teórico metodológicas de abarcarem a questão. No transcurso do artigo tal abordagem ficará clara.

aspecto desta “natureza”, que será trabalhado por uma infinidade de abordagens que se pretenda a discutir o que nos faz humanos.

A problematização desenvolvida em torno das neurociências/ciências dos “genes”, sobretudo na centralidade que elas obtiveram nos últimos 20 anos, conferiu um destaque significativo para as leituras orgânicas sobre a nossa espécie. A nova empreitada permitiu a emergência de discussões sobre em que medida as relações *neurológicas* e *biogenéticas* são exclusivamente suficientes na composição da nossa natureza⁷.

As bases teóricas fundamentais para estas novas compreensões sobre a condição humana são as teorias darwinistas, largamente difundidas desde a segunda metade do século XIX, em suas pretensões em discutir as diferenças significativas da nossa espécie, não sob a clássica perspectiva de uma exclusividade “humana”, mas sim, podendo ser compreendidas também nos termos de uma “naturalidade animal”.

O *afeto pessoal* na teoria do apego de John Bowlby (1988), consistindo em produtos filogenéticos da nossa necessidade por uma “base segura”. O *desenvolvimento artístico*, em Steven Pinker (1998) e Geoffrey Miller (2000) como frutos de uma seleção natural em nível sexual, ou até a compreensão dos “*memes autorreplicantes*” de Richard Dawkins (2007), fruto de “entidades mentais”, responsáveis por gerar ideias que vão se autorreplicando na mente dos indivíduos e com isso formando a cultura humana, consistem em olhares sobre a nossa espécie que não a diferencia de outros organismos vivos, detentores destas mesmas características em níveis menores.

Estas equiparações restritas da nossa natureza com a do mundo animal, ganhou conotações mais sofisticadas com o reducionismo técnico oriundo da chamada “era da informação”, tendendo a tomar toda e qualquer estrutura real, seja viva ou inerte, como um “conjunto de mensagens programadas”. Um olhar ainda mais reducionista fora lançado em nossa natureza “animal” e passou a concebê-la enquanto um microprocessamento de “dados”.

Por era da informação entende-se a atenção dada nas últimas décadas para as chamadas “Ciências dos Dados” (Data Science). Os novos paradigmas discutidos em filosofia da ciência

⁷A replicação destas relações em máquinas, exponenciaram não apenas aquilo que Santaella (2003) define como extra-somatização do cérebro humano, mas a compreensão de que o humano em si nada mais é do que um conjunto orgânico de funcionalidades.

(envolvendo as tecnociências⁸) sobretudo as chamadas NBICs (nanotecnologias, biotecnologias, informática e ciências cognitivas), passaram a se pautar em torno do sistema microscópico de funcionamento da realidade passível de percepção e manipulação humana⁹. Micro informações elencadas como dados primários e fundamentais para o fazer científico.

Toda a singularidade da pessoa humana é esvaziada em nome deste novo padrão de medida cujo: “[...] a natureza e a posição dos elementos que a constituem, átomos ou moléculas, resultam de uma escolha entre uma profusão de possíveis. Por transformação isomorfa de acordo com um código, tal estrutura pode ser traduzida em um outro jogo de símbolos” (Jacob, 1970, p. 271-72 – tradução nossa¹⁰). A natureza humana passa a ser objeto de uma razão instrumental puramente concebida dentro de finalidades funcionais e “programáveis”. O humano intersubjetivo passa a ser trocado por uma mensagem abstrata, diluída em sua programação genética ou sistema neural.

Aquilo que até certo tempo era encarado como um conjunto de virtualidades tornou-se para muitos biólogos e neurocientistas um esquema pré-determinado, não muito diferente dos instintos animais. A indiferença entre natureza animal e humana, tomada a partir da ótica “instintiva” e “programável”, é para o filósofo britânico Roger Scruton, um típico empreendimento moderno, por ele nomeado de “charme do desencanto”. Ao pensar essa indiferença sob os aspectos morais da nossa espécie, compreendidos em toda a história do pensamento como nos sendo exclusivos, afirma:

⁸ “O termo tecnociências alude a uma nova dinâmica no método científico. A pretensão clássica de se pensar a ciência como o empreendimento humano para se *conhecer a realidade* cederá à postura de se pensá-la enquanto forma de *criar a realidade*. As realizações encontradas neste ramo que passaram a ser chamadas de “biotecnologias”, “inteligência artificial”, são exemplos das novas pretensões que passaram a figurar a partir deste atravessamento técnico” (Silva, 2023, p. 150).

⁹ Nas palavras do físico e doutor em Cosmologia Luiz Alberto de Oliveira, tal descoberta proporcionou uma virada técnica na história da nossa espécie – das próteses externas para o agir interno: “Hoje conhecemos não só os elementos químicos, mas conhecemos as formas que eles se compõem, somos capazes de intervir em cada um deles, somos capazes de combiná-los de maneiras inéditas em relação a própria natureza, em suma: somos hoje mestres do mundo quântico, do mundo microscópico. Então, vivemos no mundo da precisão, da localização precisa, da ocasião especificada como nunca houve antes. Somos capazes de mapear tudo isso e somos, portanto, capazes de mapear as arquiteturas, as composições, os diagramas de todo tipo de sorte material, em particular, de todo tipo de sorte de ser vivo, em particular, de todo tipo de sorte de nós mesmos. Agora, nós somos capazes de modificar, de intervir, de desenhar, de programar componentes do nosso próprio ser orgânico, do nosso próprio aparato cognitivo. **Não se trata mais de próteses para agir sobre a exterioridade: facas, pedras, lanças, laços, cestos, agir para fora. Agora temos a capacidade de agir internamente**” (OLIVEIRA, 2019 – grifo meu).

¹⁰ “[...] la nature et la position de ses éléments constitutifs, atomes ou molécules, résultent d'un choix parmi une multitude de possibles. Par transformation isomorphe selon un code, une telle structure peut être traduite en un autre ensemble de symboles”.

As explicações científicas da vida moral com frequência exibem aquilo que chamo de “**charme do desencanto**”, o apelo que nasce ao se remover aquilo que nos distingue como seres humanos. Ponha de lado o que justamente precisa ser explicado – a generosidade humana –, encontre algo que se pareça um pouco com ela – a suposta divisão da presa pela fêmea do morcego-vampiro – e descreva o comportamento animal num linguajar adequado ao exemplo humano (como um “presente” para “outro”) e por um breve momento talvez pareça que você encontrou a explicação. A mulher que dá o seu tempo e o seu dinheiro ao hospital está fazendo o que a fêmea do morcego-vampiro supostamente estaria fazendo quando dá o sangue que coletou a seu próximo menos afortunado pendurado ali perto. O soldado que dá a sua vida por seu pelotão e a formiga que morre defendendo o formigueiro estão fazendo exatamente o mesmo – aplicando uma estratégia reprodutiva de sucesso vinda dos genes que a isso os compelem (Scruton, 2015, p. 49 – **grifo meu**).

A ideia de reduzir traços bastantes distintivos da nossa espécie como a linguagem humana, as emoções sociais e o comportamento moral à condicionamentos genéticos, saltos evolutivos ou a determinadas circunstâncias adaptativas que as criaram, nada mais é do que simplificar o complexo comportamento humano ou superestimar o comportamento animal.

Contra-pondo-se a tal intento, Scruton advoga outra origem para os atos decorrentes da nossa motivação moral, sendo esta, para ele exclusiva a espécie humana. Eles encontram seu real sentido na noção de *interpessoalidade* que impera em todas as civilizações: “aquele que é movido a agir certo, independentemente do custo, está observando a sua própria ação do lado de fora, como veria a ação de outro, como uma ação obrigatória para ele” (Scruton, 2015, p.48).

Ainda:

essas pretensas explicações comparam a conduta humana à animal dando uma descrição absolutamente superficial de ambas. Em particular, elas descartam a *intencionalidade* radicalmente distinta da resposta humana. A generosidade humana é mediada por conceitos como **dom, sacrifício, dever, santidade** – conceitos que pressupõe o reconhecimento do eu e do outro, além do senso, específico dos seres racionais, de responsabilidade por aquilo que se é e que se faz e que os obriga a refletir sobre essas coisas. O surgimento desses conceitos é o que mais pede explicação, já que eles criam aquilo que parece um abismo intransponível na história evolucionista. Não se transpõe esse abismo por uma mera descrição equivocada do comportamento que o cria (Scruton, 2015, p.50 – **grifo meu**).

Essa “intencionalidade radicalmente distinta da resposta humana” evidencia uma “fratura”, pois, conseguimos nos “desprender” da funcionalidade orgânica, nos relacionando também com outros seres “desprendidos”. Essa cisão evidencia a nossa “pessoalidade”. A clássica definição de Boécio “substância individual de natureza racional” é incorporada por Scruton, a partir de um condicionamento que julga fundamental: as relações humanas.

Somos pessoa, não a despeito das nossas constituições orgânicas, cujas muitas delas também podem ser observadas no mundo animal, mas, porque conseguimos transcender em certa medida essas determinações, nos relacionados com outros seres “transcendidos”. Nas palavras do filósofo Castor Ruiz: “O sujeito é um ser fraturado pela fenda que o atravessa distanciando-o do mundo e contrapondo-o à **alteridade**. Essa fratura o retirou do mundo natural dos instintos programados e o trouxe para o confronto com a alteridade e a autoconsciência” (Ruiz, 2006, p.75 – **grifo meu**).

O atributo da personalidade se constitui sempre em relação com outras “pessoas”¹¹. É no território da interpessoalidade composto pelas relações morais entre indivíduos, obrigações sagradas, autoconsciência, que a natureza humana se distingue das dos demais seres vivos. A relação “Eu-Você” é capital nesse processo, pois traz a lume as intenções dispostas entre indivíduos, sobre as quais somos “uns” para os “outros”: “eu” para mim e, um “você” para o outro que interage. Autoconsciências que se confrontam mediante a justaposição das nossas presenças. É na dinâmica da alteridade que o conceito de pessoa irá fundar-se, e este por sua vez está nas bases de todas as narrativas humanistas.

As instituições humanas mais importantes para a nossa condição: lei, religião, relações de parentesco, moralidade, sexualidade, política, emergem dessa interação radicada nas intenções que dispomos livremente uns aos outros. Tal dinâmica, não pode ser confundida com “sensações” específicas provenientes da genética, sobre as quais podemos identificar até “zonas de satisfação”, mas nunca *o objeto real* sobre qual dirigimos nossa intenção (o outro). Essa interação nos convida a “obrigar-nos livremente” uns aos outros em torno de interesses mútuos, responsáveis por fundar as experiências fundamentais tomadas por Scruton nas palavras: dom, sacrifício, dever e santidade.

É nesse mundo de sujeitos interpessoais que estamos situados e não na objetualidade radical preconizada nas ciências naturais, nos termos de funcionalidade humana enquanto funcionalidade orgânica. O binômio “Eu-Você” é a condição sob a qual emerge nossa natureza humana pessoal.

Cada um de nós começa a assumir a responsabilidade pelo que somos, e fazemos, e sentimos. E por gradações a nossa responsabilidade mútua é tramada na relação entre

¹¹ “[...] não algo para além da vida e comportamento em que a observamos, mas também não redutível a eles. A personalidade emerge quando é possível identificar-se com um organismo de um modo novo – o modo das relações pessoais” (Scruton, 2020, p.31).

nós, até o ponto onde assumimos múltiplas obrigações e compromissos que distinguem as comunidades humanas de todas as redes sociais que observamos. Geramos entre nós o que Searle chamou “poderes deônticos”, preenchendo nosso mundo com obrigações que não existiriam se não fosse por nossa capacidade de inventá-las, aceitá-las e impô-las (Scruton, 2015, p.59-60).

Os conceitos de *natureza/condição humana* e *alteridade*, trazem consigo conexões lógico-concretas, a partir das necessidades semânticas que um estabelece frente ao outro. Estas necessidades, ainda que composta por expressões conceituais abstratas, podem ser consideravelmente refletidas a partir dos critérios elencados pelas humanidades. Um conceito se constitui a partir da inclusão do outro, ainda que uma lógica complexa os integre e os defina.

O desenvolvimento teórico percorrido entre os polos constitutivos da nossa espécie (condicionamento e liberdade), nos propõe uma compreensão da natureza humana de ordem complexa, mas nem por isso ilegítima dentro do *status questionis* relacionado com o tema. Somos seres de “interação”, e a partir das relações de alteridade que estabelecemos uns com os outros, aquilo que exclusivamente nos faz humanos, evidencia-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a partir da teoria da complexidade, envolve a imprescindível correlação de saberes necessários a toda construção científica. Refletir com a capacidade de administrar controvérsias, aglutinar hermenêuticas distintas, reconduzir teoricamente posições divergentes sob outras perspectivas, fora um caminho aberto frente aos infindáveis debates teóricos que, ainda que não de forma conclusiva, apontam novos caminhos e rearranjos teóricos que subsidiam novas formas de pensar temas complexos.

A ideia de natureza/condição humana é um claro exemplo a ser discutido no exercício teórico do pensamento complexo. O termo “natureza”, assim como “condição”, pode causar intermináveis debates fruto das infindáveis discordâncias teóricas que possuem. No entanto, a atenção dada ao que chamei de estruturas de condicionamento e liberdade e, como essas estruturas são pensadas e dispostas de um humano em relação ao outro, pode nos trazer importantes compreensões, ainda que não sejam conclusivas.

Nunca haverá a possibilidade de se criar uma “teoria geral da natureza humana”. Para além dos problemas aqui apresentados, há outras centenas de questionamentos em aberto que exigem que toda e qualquer reflexão sobre o tema permaneça sempre enquanto uma

reflexão incompleta. No entanto, a presente constatação legitima-se frente ao debate: nossas dimensões orgânicas são determinantes, mas também transponíveis, mediante o usufruto da liberdade que nos permite a criação de valores, instituições, culturas e padrões de comportamento que nos parecem ser tão únicos, que os concebemos muito facilmente enquanto naturais, no sentido de prover exclusivamente da “natureza humana”. Não existimos no “vazio” ou no puro mundo dos objetos sem “sujeitos”. Nos “tornamos aquilo que somos” no confronto intersubjetivo das nossas relações recíprocas.

Neste ensaio, o pensamento lógico cede lugar ao fenomenológico: nós não poderíamos nos definir apenas frente a outros animais, corpos celestes ou ante qualquer outra “coisa”. Nos definimos a partir da convivência com os “outros” da nossa mesma espécie. Não de forma arbitrária, mas “existindo” com os outros dentro de uma “comunidade humana”, sendo o paradigma da alteridade indispensável nas discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- BOWLBY, John. **Apego e perda**, vol. 1-3. São Paulo: Martins Fontes, 2002-2004.
- BUBER, Martin. **EU e TU**; tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- DASCAL, Marcelo. Epistemologia, Controvérsias e Pragmática; tradução de Alfredo Tiomno Tolmasquim. **Revista da SBHC**, n.12, p.73-98, 1994. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/dascal94.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2024.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JACOB, François. **La logique du vivant**. Paris: Gallimard, 1970.
- MILLER, Geoffrey. **A mente seletiva**: como a escolha sexual influenciou a natureza humana. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- NETO, Ricardo Borgatti. **Perspectivas da complexidade aplicadas à gestão de empresas. Tese (Doutorado em Engenharia)** – Universidade de São Paulo, Escola Politécnica, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-03062008-100514/pt-br.php>. Acesso em: 04 Out. 2024.
- OLIVEIRA, Luiz Alberto de. **A redefinição do humano: impactos da tecnologia**. Youtube, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8zCMv9IsBul>. Acesso em: 06 de ago. de 2024.

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. **As encruzilhadas do humanismo**: a subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: Da Cultura das Mídias à Cibercultura, São Paulo: Paulus, 2003.

SCRUTON, Roger. **O rosto de Deus**; tradução de Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2015.

SCRUTON, Roger. **Sobre a natureza humana**; tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Emerson da. **O corpo de Deus**: administrando controvérsias entre o corpo algorítmico do movimento pós-humanista e o simbolismo religioso da corporeidade humana. **Tese (Doutorado em Ciências da Religião)** - Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2023. Disponível em: <https://repository.globethics.net/handle/20.500.12424/4314647>. Acesso em: 04 Out. 2024.

ABSTRACT:

This essay aims to present a brief theoretical argumentation around the concepts of “human nature/condition” and “otherness”. In methodological terms, the approaches adopted here will be treated based on the contributions arising from Complex Thought, especially due to its capacity to reflect through “tension”, an indispensable path for addressing the subject. After a brief theoretical presentation on the paradigm of complexity, an exemplary exercise will be carried out based on the concepts presented. Far from attempting to obtain a general theory about human nature, the featured text to clarify tensions involving the debate and propose significant theoretical directions to discuss the matter.

Keywords: Complexity; Nature; Otherness.

Recebido em 06/10/2025

Aprovado para publicação em 04/11/2025